

JORNAL DA

ADUFRJ

◆ 7 DE SETEMBRO DE 2020 ◆ WWW.ADUFRJ.ORG.BR ◆ TV ADUFRJ: YOUTUBE.COM/ADUFRJ ◆

ESPECIAL UM SÉCULO DE UFRJ



MINERVINHA

O designer André Hippertt se baseou no genial traço do artista J. Carlos para adaptar o jeito sedutor da popular melindrosa (sucesso entre brasileiros na década de 1920) à efígie da deusa da sabedoria e símbolo da UFRJ

100 ANOS DE HISTÓRIA

DO REINO DOS CATEDRÁTICOS À REPÚBLICA DO CONHECIMENTO

ANA BEATRIZ MAGNO E ANDRÉ HIPPERTT

Editores do Jornal da AdUFRJ

Contar a história da Universidade Federal do Rio de Janeiro não é um desafio apenas pela extensão dos anos, mas principalmente pela gigante pluralidade dos saberes e feitos da comunidade acadêmica. Em um século, a UFRJ mudou de cara, de cor, de voz. Nasceu sob o reino dos professores catedráticos, quase todos homens, quase todos brancos. Seu primeiro reitor foi um barão. O segundo, um conde. Foram precisos quase 100 anos até a implantação de um sistema eficaz de cotas raciais e a eleição da primeira reitora mulher. Essa jornada que começa em 1920, no governo de Epiácio Pessoa, chega aos dias de hoje sob o desgoverno de um capitão recalcado que persegue e sufoca o fazer universitário. Não foi um percurso trivial. Na Era Vargas, a UFRJ cresceu, mudou de nome, virou “do Brasil”. Pouco depois, a ditadura militar lançou a sombra do arbítrio sobre salas de aula, cassou professores, estudantes e técnicos. A universidade resistiu fazendo seu melhor – produzindo conhecimento científico e cultural de excelência e emancipatório nas mais diferentes áreas. No princípio, havia apenas três cursos: Medicina, Engenharia e Direito. Hoje são 176 graduações e 224 mestrados e doutorados stricto sensu. Nessa virtuosa república do conhecimento, convivem 65 mil alunos, 9.200 técnicos e 4.198 professores. Em dez páginas, o **Jornal da AdUFRJ** homenageia essa instituição gigante no tamanho e na trajetória. Recuperamos a infância dos campi, seus esquecidos primeiros anos desenhados com traços art déco. Mas esta não é uma edição nostálgica. Queremos celebrar o papel dos docentes de agora e de ontem. Para isso, encontramos os dez professores da UFRJ com mais de 100 anos de idade. Com orgulho, eles retratam como suas vidas se amalgamaram à de sua *alma mater*, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e, com esperança, saúdam o próximo século.



1



2



3

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
nasceu da reunião da Faculdade de Medicina (1), na Praia Vermelha; com a Escola Politécnica (2), no Centro; e com a Faculdade de Direito (3), na Rua do Catete

» EDITORIAL «

DOS MUITOS CONTOS AO SINGELO VINTÉM, TODOS SÃO HISTÓRIA NAQUELA QUE FAZ CEM!

DIRETORIA

Chegamos, finalmente. Faz mais ou menos oito meses que adentramos a década de 20, cuja correspondente

no século passado causou tanto barulho. Eram os *roaring twenties* dos Estados Unidos, *les années folles* franceses. Foi o período que viu o amadurecimento da física quântica e o nascimento do surrealismo, que presenciou voos transatlânticos e o primeiro antibiótico. O Brasil, talvez surpreendentemente, estava perfeitamente inserido nesse *zeitgeist*: tivemos a Semana de 22 como marco da ebulição de nossa arte modernista em evolução, além de todo o aquecimento político (com direito a uma pequena guerra civil na cidade de São Paulo, em 1924) que resultou na era Vargas uns anos depois. E, no primeiro ano dessa década mítica, temos a inauguração da primeira universidade brasileira oficial, aqui mesmo na Cidade Maravilhosa: Em 1920, a partir da Escola Politécnica, da Faculdade de Medicina e da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas, era criada a Universidade do Rio de Janeiro, hoje UFRJ.

Há, no entanto, muito mais. Um dos tripés da fundação da Universidade Federal do Rio de Janeiro remonta a nosso tempo de colônia: no mesmo ano em que Tiradentes fez a sua via crúcis e foi enforcado na praça do Rossio, era aberta a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, a primeira instituição a oferecer um curso superior no Brasil. Depois de atravessar todo o período imperial e uma sequência de metamorfoses, esta é a instituição que dá origem à Escola Polytechnica ainda em 1874. O segundo apoio também acompanha um marco histórico, mas nesse caso é bem mais que uma coincidência. A transferência da corte real de Portugal para o Brasil impulsionou uma miríade de transformações na agora sede do reino, e entre as primeiras estavam a criação de duas escolas de Medicina, em Salvador e no Rio de Janeiro. A segunda, chamada Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia, se tornou a Faculdade de Medicina em 1832, e nos anos até a consolidação da Universidade formou boa parte da comunidade médica carioca, entre eles o gigante Carlos Chagas. O terceiro suporte é mais recente, mas

ERAM OS ROARING TWENTIES DOS ESTADOS UNIDOS, LES ANNÉES FOLLES FRANCESES. FOI O PERÍODO QUE VIU O AMADURECIMENTO DA FÍSICA QUÂNTICA E O NASCIMENTO DO SURREALISMO, QUE PRESENCIOU VÔOS TRANSATLÂNTICOS E O PRIMEIRO ANTIBIÓTICO. O BRASIL, TALVEZ SURPREENDENTEMENTE, ESTAVA PERFEITAMENTE INSERIDO NESSE ZEITGEIST



PEDRO CALMON
Ilustre reitor da UFRJ por dois períodos (1948 — 1950 e 1951 — 1966), liderou o movimento que transferiu a sede administrativa da universidade para o Palácio Universitário



MODERNISMO
Evento que revolucionou as artes plásticas no Brasil, a Semana de Arte Moderna aconteceu em 1922, num país que se transformava rapidamente



ACERVO ETU/UFRJ

ILHA UNIVERSITÁRIA
Destaca-se, em primeiro plano, o prédio do Hospital de Clínicas. São visíveis, também, as duas pontes que ligariam a Cidade Universitária à Avenida Brasil, na altura da Ilha do Governador e Bonsucesso

de forma alguma menos importante: as duas faculdades de Direito mais antigas do Rio já são do tempo da República, e juntas formam o berço da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, que completaria a criação da UFRJ em 1920.

Dessa história vemos que a UFRJ já nasce descentralizada, ao menos geograficamente: a Faculdade de Medicina havia sido recentemente transferida para o atual campus da Praia Vermelha, enquanto a Escola Politécnica funcionava no Largo de São Francisco. Os primeiros reitores se dividiam entre médicos e juristas, e houve uma alternância razoável até o longo mandato de Raul Leitão da Cunha, durante o Estado Novo. Logo após, em 1949, sob os auspícios do grande intelectual e político Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, tivemos a transferência da administração para o icônico Palácio Universitário, no primeiro grande movimento físico da Universidade de Brasil. O período subsequente viu a emergência de grandes personagens lembrados até hoje em nossos prédios e monumentos: além de Pedro Calmon, tivemos os reitores (e médicos!) Deolindo Augusto de Nunes Couto, Clementino Fraga Filho, Raymundo Moniz de Aragão, entre outros. Além disso, os anos 60 viram a reforma universitária e a chegada de muitas outras instituições à já chamada Universidade Federal do Rio de Janeiro com a incorporação da "FeNeFi" — a Faculdade Nacional de Filosofia. Em paralelo a isso, tivemos o segundo (e ainda maior!) movimento físico da UFRJ,

este em direção a um arquipélago ao sul da Ilha do Governador, que ao ser aterrado ganhou o nome de sua maior integrante original: a Ilha do Fundão. Muito embora já houvesse um decreto-lei estabelecendo a sua existência em 1945(!), a transferência efetiva da Universidade para lá se deu apenas nos anos 60 e 70. Hoje, a chamada Cidade Universitária concentra algo em torno de 70% da comunidade acadêmica, e é hoje o principal campus da UFRJ. Finalmente, a transição democrática dos anos 80 impulsionou uma salutar (e tardia!) ampliação do acesso à universidade, que hoje conta com quase 60 mil alunos e alunas. Da marcante presença de barões e condes nos mais altos gabinetes há 100 anos, chegamos nesses anos 20 com a nossa primeira reitora mulher. E, assim como a aristocracia passeava pelos corredores daquela recém-criada Universidade do Rio de Janeiro, hoje são magníficas as cores, gêneros e origens que passeiam por nossas salas e pátios, fruto das recentes políticas compensatórias.

Nessa edição do **Jornal da AdUFRJ** fazemos um tributo à história dessa que é a maior universidade federal brasileira. Nós lembramos o que era ser professor/a nos anos 20, assim como uma comemoração do Brasil tão interessante daquela época. Trazemos também docentes que comemoram os seus centenários junto com a universidade, numa grande celebração da vida e do saber. Finalmente, fechamos com um pouco da história mais moderna da UFRJ, com o seu importante papel durante a redemocratização brasileira e a organização de algo que hoje podemos chamar categoria docente.

» PROFESSORES CENTENÁRIOS «



104 anos
CLEONICE JERÔA DA MOTTA BERARDINELLI
Faculdade de Letras



100 anos
ELVIRA DE FELICE SOUZA
Escola de Enfermagem Anna Nery



101 anos
JOÃO CARLOS VINHAES
Faculdade de Medicina



100 anos
MARIA CECÍLIA VIANA DE BARROS
Escola Politécnica



101 anos
MARIA LUIZA FERNANDES
Instituto de Geociências



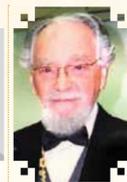
102 anos
MARIA YOLANDA DE MELLO NOGUEIRA ABDELHAY
Instituto de Matemática



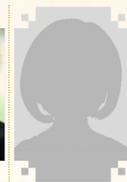
101 anos
MAURO RIBEIRO VIEGAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo



100 anos
PEDRO INOCENCIO HAHN
Instituto de Geociências



100 anos
RAYMUNDO EDSON DE ARAÚJO LEITÃO
Faculdade de Medicina



107 anos
WANDA CARDOSO TOROK
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais

UM BRINDE À MINERVA CENTENÁRIA!

Aos 100 anos, a Universidade Federal do Rio de Janeiro tem dez professores com mais de um século de vida. O **Jornal da AdUFRJ** homenageia esses homens e mulheres que cresceram com a UFRJ e que traduzem o compromisso com o conhecimento, a cultura e a democracia

SILVANA JÁ
silvana@adufjrj.org.br

Maria Cecília Viana de Barros tem a mesma idade e a mesmaousadia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Engenheira, formada num tempo que a engenharia era ofício quase privativo de homens, ela foi aluna e professora da UFRJ. “Na minha turma éramos só dez moças no meio de um monte de rapazes. Éramos raridade”, recorda. Nascida em 1920, Cecília se formou aos 23 anos. O curso de Engenharia funcionava no Largo do São Francisco de Paula, onde hoje estão os institutos de História e de Filosofia e Ciências Sociais. “Eu corria a Rua do Ouvidor todinha para chegar ao largo. Aproveitava, dava uma carreirinha na bomboniere que vendia coisas muito gostosas, comia um doce”, recorda a centenária professora.

A fala frágil, no início da conversa ao telefone, logo cedeu lugar a uma firmeza impressionante, recheada de memórias do tempo de estudante num Rio de Janeiro atormentado pelas notícias da Guerra e pelo Brasil da Era Vargas. “Almoçava com meus amigos na Colombo. Mas não era na qual parte chique não. Era em pé, no balcão”. A gargalhada do lado de lá da linha deixa evidente a felicidade que as lembranças lhe geraram. “Era um tempo com tanto frescor...”, suspira.

A paixão por lecionar logo fez a engenheira se destacar na universidade. “Sempre fui mais professora do que engenheira. E eu gostei muito de ser professora da UFRJ. Atuava na cadeira de Geologia e Mineralogia”, lembra.

A filha Maria Lúcia lembra da época em que acompanhava a mãe na aplicação de provas práticas. “Eu tinha uns dez anos. Ia junto para ganhar lanche na Colombo”, diverte-se. “Era um acontecimento ir ao Centro.

PROFESSORA
Maria Luiza Fernandes celebra seus 101 anos



Andar na Ouvidor, na Gonçalves Dias, era algo muito importante, chique. Vestíamos roupas de gala.”

Perguntada sobre como se sente tendo atravessado um século de tantas mudanças, a professora dá uma resposta tão simples quanto profunda: “Eu me sinto muito bem com as mudanças. A gente que tem filhos sempre está acompanhando as novidades, rejuvenesce”.

GRIFE ESPANHOLA

“Nasci em 1918. No ano da gripe espanhola. No fim da I Guerra. Não tenho essa memória de tão pequena, mas minha mãe contava que foi horrível!”, relembra a professora Maria Yolanda Abdelhay, aposentada do Instituto de Matemática. “Havia muitas casas com corpos aguardando remoção. Minha mãe era francesa e também vivia a aflição da guerra, porque tinha família na França”, conta a docente. “Por mais que o Brasil

não estivesse em guerra naquele momento, a população sofria os impactos. Havia racionamento de tudo, principalmente de alimento”, descreve.

Com uma memória e lucidez admiráveis aos 102 anos, a professora recorda que terminou sua graduação na década de 40. “Naquele tempo, nos formávamos em Física e em Matemática. A faculdade funcionava próxima à Maison de France, no Centro. Tínhamos muitos professores estrangeiros. Um grupo grande era italiano e não falava português. Tivemos que aprender italiano”, diverte-se. “Durante a II Guerra, eles precisaram voltar para a Itália. Fomos nos despedir no porto. No navio estava escrito ‘diplomaten’. Naturalmente para que não fossem alvejados”, lembra.

A professora se tornou catedrática em 1960. As décadas seguintes foram muito duras para a universidade. A UFRJ perdeu 46 docentes, entre os que foram cassados ou assassinados pela ditadura militar. Foi invadida e teve o prédio da Faculdade de Medicina demolido.

DEVOÇÃO PELA UNIVERSIDADE

Maria Luiza Fernandes, 101 anos, docente do Instituto de Geociências, é apaixonada pela universidade e passou para a filha Liliam a mesma devoção. “Minha mãe me influenciou tanto, que segui os mesmos passos”, conta a professora da Escola de Educação Física da UFRJ. “Quando nasci, ela já era professora da UFRJ”, afirma. “Eu me lembro perfeitamente dela arrumando a roupa que iria dar aula no dia seguinte, tamanha devoção que tinha pela universidade”, lembra Liliam Fernandes.

Professora Maria Luiza completou 101 anos em agosto e já não pode conversar ao telefone. Ela teve participação ativa no que se tornou o Instituto de Geociências. Foi professora de 1940 a 1989. Gostava de desenhar mapas de clima e relevo à mão. “E coloria tudo para as aulas. Eu me lembro muito bem”, diz Liliam. “Ela foi uma entusiasta do ensino! Muito ativa, montou vários laboratórios. Fazia da UFRJ a sua casa”, lembra a filha. O instituto tem

uma de suas instalações dedicadas à professora.

IMORTAL E PIONEIRA

Ocupante da cadeira número 8 na Academia Brasileira de Letras desde 2009, a imortal Cleonice Berardinelli é um dos grandes nomes da Faculdade de Letras da UFRJ. Especialista em Camões e Fernando Pessoa, a professora Emerita é reconhecida por ser uma das maiores estudiosas de Literatura portuguesa do mundo. Escreveu a primeira tese brasileira e a segunda do mundo sobre o poeta Pessoa.

“Ela lidava em sala de aula com uma paixão incrível”, conta a professora Eleonora Ziller, presidente da AdUFRJ. Eleonora foi aluna de Cleonice no doutorado e considera que as aulas da emérita transformaram sua formação. “Ter sido aluna da professora Cleonice Berardinelli significou muito mais do que eu poderia imaginar naquela manhã, quando decidi me inscrever no seu curso”.

Sua sobrinha, Sônia Botelho, falou à reportagem no lugar da professora que, aos 104 anos – completados no último dia 28 – já tem muitas dificuldades para se comunicar. “A vida inteira, mesmo tendo dado aulas em outras universidades dentro e fora do país, quando se referia à UFRJ dizia ‘a minha faculdade’”, conta. “Ela nasceu no início do século XX. Pegou as Guerras e o período da gripe espanhola. A história dela se confunde com a História do Mundo e com a do Brasil. Em particular, Revolução de 30, Ditadura de Vargas e, sendo filha de militar, tudo isto esteve bem próximo dela”.

Enfermeira atuante na Segunda Guerra, pioneira nos estudos literários, maior especialista brasileira em Fernando Pessoa, Cleonice Berardinelli deu aula até os 98 anos de idade. “A tia é uma mulher à frente de seu tempo. Sobressaiu em tudo que fez mas, se perguntassem a ela, qual sua profissão, ela dizia: ‘sou professora da UFRJ’”, resume.

»A HISTÓRIA DA UFRJ«

E ASSIM NASCEU A UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO...

MELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

Bo estímulo a cultura das ciências, estreitar entre os professores os laços de solidariedade intelectual e moral e aperfeiçoar os métodos de ensino. Estes eram os objetivos da UFRJ quando nasceu, em 7 de setembro de 1920, com o nome de Universidade do Rio de Janeiro. Os professores eram homens, brancos e ricos. Os alunos também. Um perfil bem diferente do que a UFRJ apresenta um século depois.

“Não podemos avaliar aquela universidade a partir de hoje”, enfatiza o professor emérito Luiz Antônio Cunha, da Faculdade de Educação. Autor do livro “A universidade temporária: da Colônia à Era Vargas”, o docente argumenta que é preciso pensar a Universidade do Rio de Janeiro com base nas discussões educacionais que ocorriam naquela época na jovem República do Brasil, ávida pela formação de profissionais qualificados.

A frágil modernidade brasileira queria engenheiros, médicos e advogados. Os anos 20 eram tempos conturbados dentro e fora do Brasil. A Europa lambia as enormes feridas da Primeira Guerra Mundial. No Brasil, as cicatrizes da escravidão ainda estavam – estão até hoje – abertas. A capital era o Rio, uma cidade efervescente, animada pelo samba, conturbada pela política oligárquica do café com leite, e massacrada pela gripe espanhola que um ano antes levou a vida de 50 mil moradores, entre eles o presidente Rodrigues Alves, homem que emoldurara a cidade com ares renovadores e reformas sanitárias e urbanísticas.

Com a morte de Alves, o país ficou nas mãos de Delfim Moreira, um vice atormentado por transtornos mentais, e que, em 1919, passou a faixa presidencial para Epitácio Pessoa. Paraibano, formado em Direito em Pernambuco, ele venceu a eleição presidencial do célebre Rui Barbosa, mais conhecido como Águia de Haia.

É nesse contexto que surge a Universidade do Rio de Janeiro, nascida pela junção de três faculdades que já existiam na época – Medicina, Direito e Politécnica. “Em 1920, tivemos a reunião de três unidades de ensino – duas muito antigas, que eram a Escola Politécnica, de 1792, e a Faculdade de Medicina, de 1808, e uma, improvisada, muito recente, de duas instituições privadas de direito que foram estatizadas e fundidas”, diz Luiz Antônio Cunha. “Naquela época, universidade significava instituição de ensino”, completa.

A nascente universidade também



PALÁCIO UNIVERSITÁRIO

Construído na primeira metade do século XIX, foi inaugurado em 1852 e abrigou o Hospício Pedro II. Foi incorporado ao patrimônio da UFRJ em 1949, quando a reitoria instalou-se no local



BARÃO DE RAMIZ

Professor da Faculdade de Medicina e primeiro reitor da universidade



VELHA MINERVA

Reprodução do primeiro brasão da UFRJ, ainda Universidade do Rio de Janeiro

não era gratuita – a gratuidade só foi instituída em universidades federais nos anos 50 – nas estaduais paulistas foi em 1947. “Quem era pobre tinha um padrinho que pagava, como o escritor Lima Barreto, quando foi aluno da Escola Politécnica”, explica Luiz Antônio.

Carreira universitária não existia. “Isso é muito recente. Havia os catedráticos, encarregados de uma área de saber”. E os livros-docentes, que ministravam disciplinas fora daquela área do conhecimento. “Eles tinham o direito de usar as instalações da instituição para ministrar um curso adicional, fora daquele programa mínimo do curso”, esclarece o professor emérito. As taxas cobradas

eram repartidas com a faculdade.

Os catedráticos não viviam dos míseros pagamentos recebidos pelo governo com as aulas. “De jeito nenhum. Era um grande médico, um grande engenheiro, um grande advogado”. A função era disputada em concursos públicos por conferir prestígio aos seus ocupantes. “Ou a pessoa dava aula porque gostava de ensinar”, resume Luiz Antônio Cunha.

FRAGMENTADA

Andrea Queiroz, historiadora e diretora da Divisão de Memória Institucional da UFRJ, destaca que a Universidade do Rio de Janeiro surge por influência do pensamento positivista no início da República. O que também vai induzir à escolha da data de 7 de setembro – ainda não era um feriado nacional – para a assinatura do decreto de fundação pelo então presidente Epitácio Pessoa. A relação com as ciências, que abre o regimento da universidade, explica Andrea, é uma característica positivista.

Mas a classificação como “universidade” ficou apenas no papel. “Na verdade, só é universidade pelo dispositivo legal. Não existia uma relação orgânica entre esses cursos. O que se entende por universidade, na prática, ela ainda não era”, argumenta Andrea.

A fragmentação inicial da instituição, no ponto de vista da historiadora, ainda não foi superada. E Andrea não se referia à atual discussão do calendário acadêmico. “Vemos o reflexo disso nas relações entre as unidades e na dispersão de seu vasto patrimônio e acervo. Apesar de hoje já existirem sistemas integrados tanto de arquivos, de museus e de bibliotecas, ainda assim existe uma autonomia de cada espaço para gerenciar esse patrimônio”, informa Andrea.

Outra marca da embrionária UFRJ era o elitismo, que se apresentou na escolha dos três cursos iniciais para sua constituição, considerados de maior prestígio. “É uma universidade da elite feita para a elite”, afirma. Não por acaso, observa a historiadora, professores desses três cursos vão se revezar na gestão da universidade até 1985, quando ocorre a primeira eleição direta para reitor. “Traduz muito

essa perspectiva elitizada que marca a trajetória da universidade”.

Em 1920, o primeiro reitor veio da Faculdade de Medicina: o professor Benjamin Franklin de Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz. Escolhido por ser o presidente do Conselho Superior de Ensino da época (cargo que, por sua vez, era nomeado livremente pelo presidente da República). Pelo regimento, o reitor devia prestar contas de cada ano ao ministro da Justiça e Negócios Interiores – o MEC seria fundado apenas 10 anos depois.

A participação do Barão de Ramiz nas atividades que saudaram a visita do rei da Bélgica ao Brasil, em setembro daquele mesmo ano, suscitou uma fake news: que a universidade teria sido constituída às pressas para conferir um título honorífico ao monarca Alberto I.

Em artigo publicado no site da Sociedade Brasileira de História da Educação, a professora Maria de Lourdes Fávero afirmou não ter encontrado registro desta homenagem da Universidade do Rio de Janeiro. A docente da Faculdade de Educação pesquisou em atas do Conselho Universitário e em periódicos da época. E encontrou um dado que pode ter contribuído para a confusão. Entre vários títulos, o rei belga ganhou o de “presidente honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, do qual Ramiz era diretor.

Ao receber a honraria do IHGB, o rei belga proferiu um belo vaticínio, de acordo com o discurso reproduzido pela professora: “O ano de 1920 será uma data para sempre memorável nos fatos intelectuais de vosso país. Vós tendes já na maioria das capitais dos Estados, altas escolas e faculdades notáveis, cuja reputação transpõe vossas fronteiras. Possuís, contudo, uma universidade integral que será digna do Brasil e que se tornará, não duvido, um cenáculo brilhante, cuja influência será um fator considerável à vida científica de Vossa Pátria”.

O rei não poderia estar mais certo.

»AS TRÊS MATRIARCAS

Direito, Medicina e Politécnica já existiam antes da criação da Universidade do Brasil em 1920. Conheça um pouco da história das três unidades que fundaram a UFRJ

»FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA«

LUCAJ ABREU, KIM QUEIROZ
E LIZ MOTA ALMEIDA
comunica@adufjr.org.br

Quando a UFRJ foi fundada, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro já passava dos cem anos. Criada, em 1808, por Dom João VI, a instituição já tinha, em 1920, uma história respeitável, com médicos de renome entre os seus ex-alunos e no quadro de professores, uma sede suntuosa e uma marca impressa na Medicina brasileira.

“A Faculdade de Medicina era maior do que a Universidade do Brasil”, diz o professor da UFRJ Antônio Braga, ex-presidente da Sociedade Brasileira de História da Medicina. “A UFRJ ainda não tinha se estruturado enquanto universidade, e já tinha uma Faculdade de Medicina mais que



ATAQUE À MEMÓRIA O palácio que abrigava a Faculdade de Medicina, na Praia Vermelha, foi demolido pela ditadura militar

centenária. Isso também refletia o jogo de poder que se construía na universidade”, analisa. Braga ilustra a situação a partir de uma anedota: Pedro Calmon, reitor da UFRJ que por mais tempo ocupou o cargo, não se conformava com a

ideia de reitoria ter uma pequena sede no Centro do Rio, enquanto a faculdade ocupava um palácio.

O palácio em questão é a antiga sede da Faculdade de Medicina, na Praia Vermelha, inaugurado em 1918. O prédio foi utilizado até 1973, quando a Medicina se mudou para o recém-inaugurado campus da Ilha do Fundão. No mesmo ano o edifício foi demolido pela ditadura militar. “A ditadura queria tirar a intelectualidade universitária do Centro do Rio”, revela o professor Antônio Braga. “A demolição do prédio da Praia Vermelha foi um ataque simbólico à UFRJ”, episódio que o professor acredita ter sido talvez a maior agressão que a universidade sofreu em sua história.

Mas se tinha uma sede suntuosa, faltava à Faculdade de Medicina um hospital para as atividades do internato, parte do curso no qual os alunos fazem um estágio prático. “A grande questão da década de 1920 era ter um hospital de clínicas próprio para a prática dos alunos”,

contou a professora Gisele Sanglard, coordenadora da Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da COC/Fiocruz. As atividades do internato aconteciam nas Santas Casas, na Maternidade-Escola e onde hoje é Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis. Só em 1978 a UFRJ inaugurou o seu hospital universitário, no Fundão.

Nas duas pontas do centenário da UFRJ estão dois reitores oriundos da Faculdade de Medicina: Benjamim Franklin de Ramiz Galvão, o primeiro, e Denise Pires de Carvalho, a atual. Entre eles ainda passaram pela reitoria Fernando Magalhães, Raul Leitão da Cunha e o próprio Clementino Fraga. É emblemático que a Medicina tenha cedido tantos reitores para a universidade. O equilíbrio de forças pode ter mudado nos últimos cem anos, mas não tirou nenhum brilho da Faculdade de Medicina, e sua importância para o Brasil e para a UFRJ.

»ESCOLA POLYTECHNICA«

A história da Escola Politécnica da UFRJ revela os bastidores da edificação de um país. Com um passado que remete ao período colonial, a unidade que hoje abrange todas as graduações de engenharia da universidade deu origem ao desenvolvimento tecnológico brasileiro.

“A Escola foi responsável pela formação de gerações e mais gerações de engenheiros de renome”, afirmou o professor Helói Moreira, superintendente do Museu da Poli. “O concreto armado surgiu no Brasil por um ex-aluno da Escola, Emílio Baumgart. As estradas de ferro, com Paulo de Frontin, Antônio Alves de Noronha, nas rodovias. Era a construção de um país”, pontuou.

Uma construção que começou em 1792, com a criação da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho. Sucedida, em 1810, pela Aca-



LARGO DO SÃO FRANCISCO Abriga um dos prédios tombados da UFRJ. A atual casa do IFCS/IH foi o início da Escola Politécnica

demia Real Militar. A instituição que um dia viria se tornar a Poli iniciou o ensino de engenharia no Brasil, e é considerada a sétima escola de Engenharia mais antiga do mundo, e a primeira das Américas. Situada inicialmente na Casa do Trem,

que hoje integra o Museu Histórico Nacional, a Academia Real Militar teve sua sede transferida em 1812 para o Largo de São Francisco de Paula, onde se manteve até 1966.

Atualmente ocupado pelos Institutos de Filosofia e Ciências Sociais e de História da UFRJ, o prédio no Largo de São Francisco de Paula foi o primeiro construído no Brasil para abrigar uma escola superior. Considerado o “berço da Engenharia Brasileira”, lá estava localizada a Escola Politécnica no ano de 1920, quando nasceu a UFRJ.

Inicialmente subordinada ao Ministério do Exército, a instituição chegou a ser denominada “Escola Militar”, e posteriormente, “Escola Central”. “Somente em 1874 a Escola passa a pertencer ao Ministério do Império e recebe essa denominação de Politécnica”, contou Helói. Desse momento em diante, a Escola passou a atender apenas alunos civis. “Em 1920,

já não havia nenhuma conotação militar”, apontou.

A Poli carrega em seu histórico o pioneirismo. “Já na década de 20, havia a pós-graduação, criada ainda antes, na época militar”, destacou Helói. “Evidentemente que as pesquisas não eram corriqueiras, pois não havia agências de fomento, como existem hoje”, completou.

Hoje, a Escola Politécnica da UFRJ forma engenheiros em 12 habilitações diferentes, mas em 1920 já havia um grande leque de opções. “Havia um curso de Artes e Manufatura, que era voltado principalmente para a indústria têxtil. Havia também as Engenharias Naval, Ferroviária, Civil, Mecânica e Metalúrgica”, disse Helói. “Mas os alunos faziam mesmo era o curso de Engenharia Civil. Naquela época, podia se fazer dois cursos simultaneamente.”

»FACULDADE NACIONAL DE DIREITO«

A fundação da Faculdade Nacional de Direito resulta de uma fusão de escolas e de uma reação libertária para o ensino superior no Rio de Janeiro, explica o ex-aluno Marcos Tavorali, diretor de assuntos históricos da Associação dos Antigos Alunos de Direito da UFRJ (ALUMNI FND).

Antes do período republicano, “as classes conservadoras preferiam que os filhos continuassem estudando em Coimbra”, explica Tavorali, em referência à universidade portuguesa. O objetivo era evitar a disseminação de idéias liberais, especialmente na capital. Em São Paulo e Pernambuco, faculdades haviam sido criadas com apoio das oligarquias locais. Iniciativas semelhantes foram sufocadas no Rio. Em 1882, Fernando Mendes de Al-



SEGUNDA FEDE Faculdade Nacional de Direito funcionou na Rua do Catete, 243, entre os anos de 1912 e 1937

meida, um jovem advogado de perfil mais liberal, reúne alguns intelectuais da cidade para criar uma faculdade, no dia 18 de abril. “Rua do Carmo 74 é o endereço da primeira ata de Congregação da FND. Mas o governo imperial não autorizou o

funcionamento da escola”, conta o diretor da associação de ex-alunos. Só em 1891, dois anos após a proclamação da República, a Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro ganhou permissão para abrir o curso.

“Ao mesmo tempo, é criada outra faculdade livre na capital, a Faculdade Livre de Direito, da família França Carvalho”, relembra. Essa outra escola mudou de lugar algumas vezes: funcionou no Mosteiro de São Bento, no Liceu de Artes e Ofícios, na Escola Normal do Rio de Janeiro até chegar ao prédio perto do Campo de Santana, na área do Tribunal de Contas do Rio de Janeiro.

As duas faculdades coexistiram, com alguma rivalidade, de 1891 a 1920, explica Tavorali. Entretanto, a Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais se desenvolveu mais. Em 1912, esta Faculdade comprou um prédio na Rua do Catete, 243, onde a FND funcionou até 1937. O mesmo imóvel se tornaria berço de outra importante instituição do Rio, na década

de 40. “Alguns ex-alunos, também professores, resolveram criar uma faculdade ali, que seria a Faculdade de Direito do Catete, e deu origem à UERJ”, afirma. “Aquele prédio, matriz de fundação de duas universidades, hoje está abandonado em ruínas”, lamenta.

Muitos professores davam aulas nas duas instituições. E, quando o governo republicano decidiu criar a universidade, em 1920, ambas foram estatizadas e fundidas um pouco antes, em maio. “Entre criar uma do zero ou federalizar escolas particulares, que já recebiam tremendos incentivos estatais, era natural que se buscasse uma fusão dessas escolas”, explica. A integração, para o ex-aluno, não foi bem feita. “Era a costura de escolas isoladas, que continuaram com a mentalidade de serem assim. Continuaram funcionando de maneira isolada, e ganharam o selo de universidade”.

» SER PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NOS ANOS 20 «

DO OLIMPO DA CÁTEDRA
AO SABER COMPARTILHADO

“Donos” das disciplinas na embrionária UFRJ, os docentes construíram uma nova relação com os estudantes ao longo de um século. Perfil da comunidade acadêmica também mudou

LUCAF ABREU, KIM QUEIROZ
E LIZ MOTA ALMEIDA
comunica@adufjr.org.br

Com honrosas exceções, ser professor universitário no Rio de Janeiro dos anos 20 era ofício para homem, branco e rico. Ser aluno também. As turmas somavam até 200 estudantes, no caso da Medicina e da Poli. No Direito, as classes eram menores. Todos frequentavam as aulas com figurino solene – sempre de paletó, gravata e sapato social.

“Atuar como docente significava – em linhas gerais – fazer parte de um reduzido grupo de homens brancos, letrados, pertencentes, portanto, a uma elite cultural e econômica”, resume a professora Libânia Xavier, titular da Faculdade de Educação, pesquisadora da história do ensino superior no Brasil.

“Ser docente em 1920 era algo completamente diferente do que é hoje. Não existia a figura do professor em tempo integral, muito menos de dedicação exclusiva”, afirma Helói Moreira, ex-diretor da Escola Politécnica da UFRJ. O professor, que organizou o livro “Memórias da Escola Politécnica II”, ajuda a contar a história do magistério nos primeiros anos da universidade. “Os professores ingressavam por concurso. Existiam concursos para catedrático, e os alunos assistiam às provas dos concursos, pois havia uma disputa muito grande entre os candidatos”, comenta.

Não havia uma carreira universitária. Os catedráticos eram responsáveis pelas cátedras e espécie de “donos” de uma determinada disciplina. “No Império, os catedráticos tinham os mesmos salários e status social que os desembargadores”, conta Antônio Braga, professor da UFRJ e ex-presidente da Sociedade Brasileira de História da Medicina. A equivalência entre as duas carreiras públicas deixa de existir no começo do período republicano. Também existiam os professores ordinários – que trabalhavam diretamente com os catedráticos – e os livros-docentes, que não eram funcionários da instituição.

Em 1968, na ditadura militar, a figura do catedrático deixou de existir e deu lugar a uma estrutura em que os departamentos são responsáveis pela coordenação dos cursos. Na mesma reforma, foram criados os cargos de professor titular, adjunto e assistente. Para Antônio Braga, a figura do catedrático era importante para o curso,



AULA NO PAVILHÃO de Doenças Tropicais da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, em 1930



MUDANÇAS NA CARREIRA aconteceram durante a ditadura militar. O regime de cátedra deu lugar às classes de Assistente, Adjunto e Titular

mas sua presença também atrapalhou o desenvolvimento na carreira dos demais professores. “Era uma estrutura que não conseguia mais responder aos desafios do ensino e pesquisa”, defende. Ele também aponta um caráter mais democrático na atual estrutura. “O chefe de departamento é eleito pelos seus pares”.

As mudanças no meio acadêmico são contemporâneas de restrições às liberdades democráticas. Durante esse período, 26 pessoas (24 alunos e alunas e dois professores) da UFRJ foram assassinados ou desapareceram, segundo informações da Comissão da Memória e Verdade da universidade. Quarenta e quatro docentes foram expulsos.

CONCURSOS DE DEBÊ O INÍCIO

A admissão dos professores já era feita por concurso público desde o tempo do Império, e a validação institucional do processo era inquestionável e imprescindível.

Uma anedota contada pela professora Gisele Sanglard, coordenadora da Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da COC/Fiocruz mostra bem o comprometimento da Faculdade de Medicina com seu concurso. “Em 1883, o renomado professor Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo recusou-se a fazer a prova para a cátedra de Pediatria porque se considerava *hors concours*”, conta a professora. Barata Ribeiro, um higienista, fez a prova e assumiu a cátedra.

CONHECIMENTO IMPORTADO

Há cem anos, segundo Helói, a maior parte do ensino da Escola Politécnica ainda derivava do conhecimento produzido na Europa. “Não havia uma produção de livros por parte dos professores. Eram livros estrangeiros, na maioria, e normalmente franceses”, diz o docente. “Consequentemente, havia a questão das apostilas, em que os professores preparavam as suas matérias”, acrescenta Helói, que hoje é presidente da Associação dos Antigos Alunos da Politécnica (A3P), ressalta a participação dos estudantes em 1920 no desenvolvimento do material. “Principalmente no caso da Politécnica, o diretório acadêmico é que editava as apostilas dos professores. Esse é um aspecto interessante, porque hoje em dia não é mais assim”.

Engenheiros de prestígio integravam a comunidade acadêmica, como José Pantoja Leite, Maurício Joppert da Silva e Paulo de Frontin. “A Escola tinha grandes professores, figuras consideradas expoentes na Engenharia brasileira”, lembra Helói.

Outro fato relevante na história da unidade é a ligação com a organização dos cientistas brasileiros. “A Academia Brasileira de Ciências foi criada em 1916,

pouco antes da Universidade do Rio de Janeiro, mas dentro do prédio da Politécnica, no Largo São Francisco. A maioria dos integrantes da Academia era também professor da Escola”, finaliza.

Decano do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Flávio Martins entende que a essência de ser professor há 100 anos e agora se mantém a mesma. “É um exercício de poder, ou seja, do poder de transmitir, de relacionar reconhecimento e de se tornar referência para outras pessoas”, afirma. Mas o ensino se transformou com o tempo. “Me parece que hoje a figura do professor tem uma relação dialogal que talvez não existisse naquela época”, completa o decano e ex-aluno da FND. “Hoje é possível aplicar um processo individualizado de ensino e aprendizagem. Essa é uma marca que diferencia o docente do passado com o do presente”, reforça o professor Antônio Braga.

A Universidade do Rio de Janeiro, primeiro nome da UFRJ, ainda não estava ancorada nos três pilares – ensino, pesquisa e extensão. Nos primeiros anos, ainda no Catete, a faculdade de Direito contava apenas com salas de aula, não havia espaços para pesquisa ou locais de encontro. “O professor dava a aula e ia embora. Não havia um lugar em que ele pudesse receber os alunos, as bibliotecas eram acanhadas”, informa Marcos Tavorali, diretor de assuntos históricos da Associação dos Antigos Alunos de Direito da UFRJ (ALUMNI FND). “Quem lecionava e publicava era um grande intelectual, conseguia que as suas ideias fossem reproduzidas nos jornais”, recupera o advogado.

» ARTIGOS «

À MINHA MESTRA, UFRJ, COM CARINHO



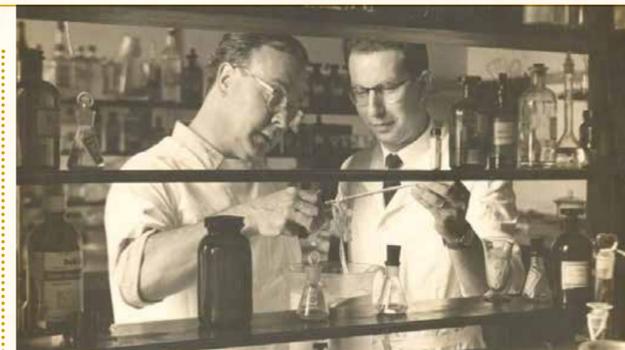
DENISE PIRES DE CARVALHO

A professora é a primeira mulher a ocupar o cargo máximo da universidade em 100 anos

Na década de 80, a UFRJ ainda era chamada de “a Nacional”. Ser aluno da Nacional era um sonho para muitos dos que tentavam ingressar no ensino superior. Comigo não foi diferente e mesmo sem saber qual carreira seguir, a meta para esta carioca do subúrbio era ser aluna da “Nacional”. Ingressei na Universidade Federal do Rio de Janeiro ao completar 17 anos, o que acontece com muitos estudantes até os dias de hoje. Ainda em formação, ingressamos em instituições capazes de modificar as nossas vidas para sempre. Nossos anseios mudam e ao longo dos anos, nos bancos da universidade, amadurecemos e a nossa personalidade vai

sendo moldada, adquirindo os contornos que levaremos para o resto da nossa existência. A universidade passou a ocupar a maior parte do meu tempo durante os últimos 38 anos. Afinal, sempre fiquei mais tempo nas instalações da UFRJ do que na minha própria casa, o que é uma prática comum entre muitos servidores e estudantes.

A UFRJ nos envolve e fascina porque nela encontramos liberdade de pensamento e possibilidade de discussões acaloradas e de altíssimo nível nas diferentes áreas do conhecimento sobre temas do passado e do presente, sem perder de vista a perspectiva do futuro. Basta estarmos abertos ao diálogo, à troca de ideias e à possibilidade de nos reinventarmos. Esse é um ambiente salutar que nos acolhe e propicia a renovação, base para a modernidade e o progresso. Como estudante, pude assistir shows e palestras de professores e cientistas renomados, inclusive conviver com prêmios Nobel que visitam a UFRJ. O que mais os seres humanos gostam de fazer do que ter a possibilidade de interagir com esta riqueza de ideias e possibilidades? Desde os primeiros anos da faculdade, ingressei em diferentes atividades de monitoria e de iniciação científica, que pavimentaram a minha trajetória até os dias de hoje. As oportunidades que encontrei permitiram que eu pudesse escolher os caminhos a seguir. Me sinto muito grata por ter encontrado na UFRJ o alimento completo para o meu desenvolvimento como profissional médica qualificada e o solo fértil para me tornar cientista e professora engajada nas atividades de



CARLOS CHAGAS FILHO

em ação num dos laboratórios da Faculdade de Medicina, que funcionava ainda na Praia Vermelha

graduação, pós-graduação e extensão. Durante a trajetória acadêmica, desde muito cedo escolhi ser professora em tempo integral da UFRJ e assim continuo até hoje, exercendo esta profissão por opção. Muitos questionam a nossa dedicação ao trabalho, porque talvez não tenham a perspectiva de que a atividade laboral pode ser muito prazerosa. As atividades de produção do conhecimento e de ensino se aproximam bastante de manifestações artísticas, porque dependem de muita inspiração e são capazes de gerar emoção. Poder ensinar, pesquisar e interagir com a sociedade são tarefas extremamente recompensadoras.

Nesta centenária instituição, me tornei médica, mãe biológica de duas profissionais formadas pela UFRJ e mãe científica

de vários doutores que hoje são profissionais reconhecidos. Tendo sido a primeira pessoa da minha família a obter diploma na educação superior, sou mais um dos exemplos da capacidade transformadora da nossa universidade e das oportunidades que esta instituição nos propicia. Desde aluna de graduação pude atuar em eventos científicos dentro e fora do país, com o principal intuito de divulgar o nosso trabalho, o nome da UFRJ e do nosso Brasil. Agora, me sinto muito honrada em dirigi-la no ano do seu centenário, quando, por obra do destino, a gigante UFRJ pôde se aproximar ainda mais da sociedade neste difícil momento de enfrentamento à pandemia pelo coronavírus. Devemos seguir adiante, atendendo sempre às demandas da sociedade do conhecimento. Que esta fábrica de realizar sonhos, a UFRJ, possa continuar de forma perene a transformar as nossas vidas para melhor.

SER PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR NOS ANOS 1920



LIBÂNIA XAVIER

Professora Titular da Faculdade de Educação da UFRJ

Por ocasião das comemorações dos 100 anos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, me indagaram sobre o que significava ser docente do ensino superior, nos anos 1920? O que podemos assinalar sobre a questão é que, naquele contexto, atuar como docente significava – em linhas gerais – fazer parte de um reduzido grupo de homens brancos, letrados, pertencentes, portanto, a uma elite cultural e econômica. Era fazer parte



PERFIL

Homens brancos e de elite correspondiam ao perfil majoritário de professores da universidade, no seu início

de um grupo que se distinguiu pelo conhecimento acumulado, num país onde a maioria da população era analfabeta,

haja vista que o regime escravista havia sido extinto há, apenas, pouco mais de três décadas.

Uma das características fortes desse grupo foi sua associação ao regime de cátedras.

No contexto brasileiro, ser professor catedrático implicava ter assegurada a vitalidade no cargo, o que lhes ga-

rantia uma ampla margem de poder na hierarquia que, pouco a pouco, foi se constituindo no interior das Universidades. O poder dos professores catedráticos contrastava com as condições de trabalho dos seus auxiliares, que contavam com reduzidas chances de ingressarem e galgarem estabilidade nos quadros da instituição. Essa situação perdurou até a Reforma Universitária de 1968, que extinguiu o regime de cátedras, dentre outras medidas.

Nesses cem anos, as identidades dos professores das Universidades públicas brasileiras mudaram muito. Hoje, muitas mulheres integram o quadro docente, o que não era de se esperar no início do século XX. Gradativamente, o grupo de professores e professoras, de distintas origens sociais, foi se tornando, cada vez mais, plural e profissional. Se, em 1920, eles pareciam estar mais distantes da população, em 2020, o compromisso assumido pela grande maioria de docentes que atuam nas Universidades públicas, pelo Brasil a fora, se volta para a produção e disseminação dos conhecimentos científicos, visando a melhoria da qualidade de vida da população e a solução dos problemas de nosso tempo.

»ARTIGO«

ANOS 20: O NASCIMENTO DE UMA CIDADE DESIGUAL



MARIA PAULA NASCIMENTO ARAUJO
Historiadora, professora titular do Instituto de História da UFRJ, ex-diretora da AdUFRJ



DE/FILE DE REI

O belga Alberto I foi o primeiro monarca europeu a visitar a República do Brasil. A viagem, em 1920, mobilizou a sociedade carioca, que assistiu ao desfile na Avenida Rio Branco. O banquete de gala foi oferecido no Palácio do Catete

A universidade do Rio de Janeiro foi criada pelo governo do Presidente Epitácio Pessoa em 1920, durante a Primeira República.

Este período da história brasileira durou de 1889 a 1930 e recebeu diversos nomes na nossa historiografia: República Velha, República do Café com Leite, República dos Coronéis, República Oligárquica. Todas estas denominações remetem para o fato de que a Primeira República foi dominada econômica e politicamente pelas oligarquias paulistas e mineiras, principalmente pela riqueza produzida pelo café de São Paulo. No entanto essa caracterização geral não dá conta da riqueza e complexidade da vida social e cultural do Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, a capital do país.

Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX a cidade do Rio de Janeiro vive um grande processo de transformação. Como apontou Flora Sussekind, a cidade, que já aparece como epicentro da vida política e cultural do país, desejava se modernizar.

“A Capital: a encenação de um Brasil que se deseja moderno, de uma população que troca seu velho figurino por sapatos e paletós obrigatórios, de uma ansiosa substituição do *naif* pelo puro *chic*”.

Este empenho se traduziu no projeto de urbanização e modernização levado a cabo pelo prefeito do Distrito Federal Francisco Pereira Passos, entre 1902 e 1906. Destas obras emergiu a “Cidade Maravilhosa”, que começou a definir uma identidade cultural própria. Além disso, na visão de Américo Freire, constituiu postura e relações políticas próprias, valendo-se do fato de que, como Distrito Fe-

deral, gozava de uma certa autonomia.² Em contrapartida, como apontou José Murilo de Carvalho, a grande propriedade rural e o legado da escravidão freavam a modernização e eram obstáculos à cidadania civil e política. A urbanização evoluiu lentamente, concentrando-se em algumas capitais, especialmente Rio e São Paulo; da mesma forma, a industrialização também se concentrava nestas capitais; na época o Rio de Janeiro era a cidade mais industrializada. São Paulo e Rio tinham perfis diferentes nesse campo: no Rio havia forte presença de população negra oriunda da escravidão, em São Paulo a maioria do operariado era composta de imigrantes europeus. Mas ambos tinham, nesta época, grande influência do movimento anarquista que só será superado após a criação do Partido Comunista Brasileiro em 1922.³

Mas, em 1920, o Rio de Janeiro era também uma capital social. Uma vida circulava pelas ruas do centro da cidade, pelas ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias,

EPITÁCIO PESSOA

Assinou o decreto de criação da então Universidade do Rio de Janeiro, a primeira do país



LIMA BARRETO

Denunciou, em crônicas, contos e romances, as desigualdades da época. Foi o primeiro a exaltar o subúrbio



J. CARLOS

Um dos maiores cartunistas da Belle Époque carioca. Seu estilo marcou os anos 20 com as melindrosas

MAS, SOBRETUDO O RIO FOI UMA CAPITAL CULTURAL NÃO APENAS EM 1920, MAS AO LONGO DE TODA A DÉCADA 20, INTELLECTUAIS E ARTISTAS PENSAVAM E INTERPRETAVAM A REPÚBLICA

onde se respirava um ar mundano e moderno. As famosas melindrosas do caricaturista J. Carlos são representações dessa atmosfera da cidade. Esta mundanidade também se estendia à vida social do Palácio do Catete que, no tempo do Presidente Epitácio Pessoa, foi das mais intensas.⁴ O presidente ofereceu algumas grandes recepções e a mais marcante foi o banquete de gala para os reis da Bélgica.

»O RIO DE JANEIRO DE 1920«



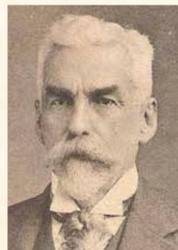
A BELA ÉPOCA

A capital do Brasil se modernizava desde as intervenções estruturais de Pereira Passos, no Centro da cidade. Largas avenidas e bulevares abrigavam charmosos pontos de encontro, como os cinemas, teatros e a Confeitaria Colombo. A moda se inspirava em vestido, ternos e chapéus franceses



PEREIRA PAJOS

Prefeito entre 1902 e 1906. Em nome da modernidade, foi responsável pelas reformas que expulsaram os mais pobres da região central da cidade



TIA CIATA

Matriarca do samba. Veio para o Rio na chamada “diáspora baiana”, aos 22 anos e influenciou decisivamente na criação do ritmo. O samba nasceu em sua casa



EULDES DA CUNHA

Um dos escritores mais influentes do Rio de Janeiro, retratou seu tempo com críticas sociais e políticas. É um dos imortais da ABL



Mas, sobretudo o Rio foi uma capital cultural. Não apenas em 1920, mas ao longo de toda a década 20, intelectuais e artistas pensavam e interpretavam a República; expressavam e criticavam as contradições da capital. Num estudo clássico sobre história e literatura, Nicolau Sevcenko aborda a vida e a obra de dois escritores cariocas que ele considera representativos das contradições, dilemas e agruras da Primeira República e, ao mesmo tempo, das maiores expressões literárias do período: Euclides da Cunha e Lima Barreto.⁵ Para Sevcenko estes dois escritores transformaram sua escrita em “missão”. Euclides da Cunha (1866-1909), em sua obra monumental “Os Sertões” retratou e recriou a guerra de Canudos, do sertão da Bahia, tendo acompanhado a atuação do exército republicano que destruiu o arraial de Canudos, liderado por Antonio Conselheiro. Lima Barreto (1881-1922) mulato, pobre, alcoólatra, fez de seus romances e contos uma contundente crítica à so-

PARA ALÉM DA LITERATURA, A CULTURA POPULAR MARCA OS ANOS 20 E DEIXARÁ UM LEGADO INDELÉVEL NA CIDADE E NO PAÍS: O SAMBA

cidade carioca da época, denunciando a desigualdade social e o racismo.

Mas, para além da literatura, a cultura popular marca os anos 20 e deixará um legado indelével na cidade e no país: o samba. Nas primeiras décadas do século XX, músicos, artistas, compositores, capoeiristas reuniam-se na Pequena África, nas regiões da Gamboa, Saúde, Pedra do Sal nas casas das tias baianas, em especial na casa de Tia Ciata, onde compunham, cantavam, dançavam e tocavam samba, sempre perseguidos pela polícia.⁶

¹ Sussekind, Flora. As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro. RJ. Nova Fronteira/FCRB, 1986, pp15

² Freire, Américo. República, cidade e capital: o poder federal e as forças políticas do Rio de Janeiro no contexto da implantação republicana. IN Ferreira, Marieta (Org.) Rio de Janeiro: uma cidade na história. RJ, Editora FGV, 2000, PP 29

³ Carvalho, José Murilo de. Cidadania no Brasil. O longo caminho. RJ, Civilização Brasileira, 2010, pp58, 59

⁴ Lustosa, Isabel. Histórias de Presidentes. A República no Catete. RJ, Vozes, 1989, pp87

⁵ Sevcenko, Nicolau, “Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República”, Brasiliense, SP.

⁶ Moura, Roberto Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro. RJ, FUNARTE, 1983



MOMENTO DE DECISÃO



ELEONORA ZILLER

Professora Associada da Faculdade de Letras e Presidente da AdUFRJ



HORÁCIO MACEDO

Foi o primeiro reitor eleito pela comunidade acadêmica, em 1985. Foi um dos redatores do Artigo 207 da Constituição de 1988, que versa sobre a autonomia universitária

Dos cem anos da UFRJ, eu vivi intensamente os últimos 38. Ao pensar nisso, me surpreendo que os anos t e n h a m

passado tão rápido, embora seja um clichê tremendo e não devesse abrir assim um artigo num momento tão solene e importante para todos nós. Solene não apenas pela pompa e a formalidade, mas pela seriedade e relevância da data. Mas, é isso mesmo: parece que foi ontem que entrei na Faculdade de Letras, na nossa “saudosa maloca” da Av. Chile, em março de 1982. As péssimas condições em que se encontrava o prédio da Faculdade, sede provisória há tantos anos, contrastava com a riqueza e o dinamismo da vida acadêmica que ali experimentávamos. Era uma produtiva mistura de sonhos para o futuro, um passado cheio de rupturas e revoluções para ser celebrado e o fim do regime autoritário ao alcance de nossas mãos. A quantidade de sonhos que depositávamos nas faixas que pintávamos para a passeata de um milhão pelas “Diretas Já” era incomensurável. Era como se fosse possível combinar as lições de liberdade que recebíamos de tantos mestres nas salas de aula com a possibilidade de construção de um futuro melhor nas ruas da cidade.

Isso foi na Faculdade de Letras. Aprendi a amar a UFRJ na grande greve de 1984, quando a vi inteira e linda na primeira “Universidade na Praça”, nos jardins do nosso Museu Nacional. Da greve à primeira eleição para Reitor foi um pulo. Horácio Macedo marcou profundamente nossa história. Ecoa em mim ainda hoje a sua voz, que dizia ser urgente fazer com que a universidade pública fosse amada e respeitada pela sociedade. E então vieram os grandes debates eleitorais para a sua sucessão e toda a imensa polarização que vivemos naqueles anos. Como esquecer dos auditórios lotados e as intervenções do Horácio e do Luiz Pinguelli, que mobilizavam nossos corações e mentes? Mas, se apurarmos o olhar para



MUDANÇA

Estudantes organizam a última festa no prédio da Letras na Av Chile

a década de 1990, veremos o quanto nos custou as nossas divisões e eternas discussões, principalmente porque ocorreriam num cenário dramático de rebaixamento salarial e de violenta restrição orçamentária. As entidades resistiam, greves e manifestações agitavam nosso dia a dia, a instituição tentava de todas as formas, sobreviver.

Em julho de 1998, a tensão na UFRJ chegou ao ápice, permitindo que o governo encontrasse um caminho para a nomeação daquele que não teria mais que 11% dos votos da comunidade universitária na eleição para Reitor. José Henrique Vilhena se tornou Reitor porque entrou na lista tríplice elaborada pelo Consuni, mas principalmente porque o FHC rasgou seus compromissos com a democracia e aceitou nomeá-lo. Há uma dupla conjunção, que não podemos esquecer, pois o governo federal havia mudado a legislação para tentar obrigar a universidade a incluir na lista tríplice o nome dos candidatos minoritários. Mas o imbróglio da posse e os obstáculos da gestão, o retrocesso institucional e o esgarçamento de todo o tecido social da UFRJ nos serviram de lição. A candidatura de Carlos Lessa foi um passo dos mais importantes da nossa história, eleito com 85% dos votos da comunidade universitária. Recomeçamos, a UFRJ se recompôs de suas fraturas. Em seguida, foram dois mandatos do Aloisio Teixeira, cuja tônica era a pacificação, a construção de pontes e a superação de nossa histórica fragmentação.

As duas últimas eleições para reitor demonstraram a maturidade democrá-



ESTUDANTES

Preparação para a passeata de um milhão pelas Diretas Já

tica e a lição aprendida pela instituição. Roberto Leher foi eleito num pleito disputadíssimo, por uma pequena margem percentual, tendo sido, inclusive, derrotado entre os docentes. Não houve questionamento sobre a legitimidade do processo, seu nome seguiu para o MEC sem intercorrências e sua sucessão, também. A eleição da Denise Pires, conduzida já num mar tempestuoso e cheio de incertezas, demonstrou o grande concerto democrático que culminou com a nomeação da primeira mulher na reitoria da UFRJ. Para isso, foi preciso uma condução segura da reitoria, mas também o comprometimento dos outros candidatos de não permitirem que seus nomes estivessem disponíveis para qualquer aventura no momento de composição da lista tríplice no Colégio Eleitoral, assim como o compromisso de todos os conselheiros dos colegiados superiores em respeitar o pacto democrático na composição da lista. Ou seja, a vida democrática na UFRJ depende sempre de um consenso livremente aceito, pois paradoxalmente, em todas essas décadas de democratização, nunca conseguimos chegar a um novo pacto institucional

garantido pela atualização de nossos estatutos.

A minha geração chegou na universidade no momento em que usufruíamos da luta e do sacrifício de tantos que nos antecederam. Ao entrar na Letras já era rotina a eleição dos chefes de departamento por todos os docentes e não mais pelo corpo deliberativo apenas. Os estudantes ocupavam 1/5 das cadeiras nos órgãos colegiados e nossos professores podiam falar livremente nas salas de aula. Ainda era o governo Figueiredo, mas era o fim da ditadura. Nenhum colega meu desapareceu de repente, nenhum de nós precisou sair escondido no porta-malas dos carros dos professores mais conservadores para despistar a polícia, nenhum de nós foi torturado. Claro que não vivíamos num mar de rosas, mas tivemos a chance de mudar um pouco essa história, e a UFRJ foi uma grande protagonista na elaboração do capítulo sobre a Educação na Constituição de 1988. Saímos em uma caravana de centenas de pessoas – estudantes, professores e funcionários – para ajudar a escrever dois princípios constitucionais essenciais para a nossa sobrevivência até hoje: a universidade é autônoma e o ensino público é gratuito.

O que nos salta aos olhos ao rever ainda que rapidamente a nossa trajetória, é que mesmo diante das mais graves crises institucionais e do mais perverso quadro de restrição orçamentária, nós seguimos produzindo um ensino de alta qualidade, uma pesquisa científica de ampla inserção internacional e reafirmando nosso lugar de vanguarda nacional, figurando sempre como uma das mais importantes instituições do país. Os laboratórios, as bolsas para pesquisa (desde a iniciação científica às de produtividade e de pós-doutorado), a liberdade de cátedra, e mais recentemente, as políticas de inclusão e democratização do acesso à universidade não caíram do céu. São os frutos mais doces de todas essas enormes batalhas. Aos que chegaram há pouco na UFRJ, aos que aqui estão mesmo que um pouco cansados pela idade avançada, a todos nós cabe nesse momento uma decisão difícil, mas necessária. A reforma administrativa que acaba de ser entregue ao Congresso Nacional pelo desgoverno federal, assim como o projeto de lei orçamentária anual (PLOA) para 2021, se passarem, nos jogarão mais uma vez para o cenário desolador de antes de 1980: ausência de carreira, vários regimes de trabalho e estrangulamento orçamentário. Tal como Sísifo, recomeçamos. É necessário combinarmos nossa dedicação à vida acadêmica à luta sem descanso em defesa da universidade pública que nos formou e que nos recebeu como docentes. Ou trairemos a memória e a história de todos que vieram antes de nós.